

Comemorar para não esquecer: a Exposição de Paris de 1889



Lembrança da Exposição de Paris de 1889. Fotografia.

Alda Heizer

Doutora em Geociências pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisadora do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ). Professora dos Programas de Pós-graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast), em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e em Botânica da Escola Nacional de Botânica Tropical (ENBT). Co-organizadora do livro *Colecionismos, práticas de campo e representações*. Campina Grande: EDUEPB, 2011. aldaheizer@jbrj.gov.br

Comemorar para não esquecer: a Exposição de Paris de 1889*

Celebrate not to forget: the 1889 Paris Exhibition

Alda Heizer

RESUMO

Pensar o lugar das imagens nas pesquisas em história pode ser um movimento interessante sobretudo numa publicação que reúne pesquisadores de diferentes formações, como também pela oportunidade de analisarmos práticas diferenciadas e pela possibilidade de circunstanciá-las. Sendo assim, o artigo tem como objetivo apresentar elementos para uma reflexão sobre imagens produzidas sobre a Exposição de Paris de 1889.

PALAVRAS-CHAVE: exposição; comemoração; memória.

ABSTRACT

Reflecting about the role of images in historical research can be an interesting approach, specially in a publication bringing together researchers from different backgrounds. It also opens up a possibility to think about different practices and understand their circumstances. With this in mind, the article aims at presenting elements for a reflection on images produced about the 1889 Paris exhibition.

KEYWORDS: exhibition; celebration; memory.



Virginia Lebeau, pseudônimo de um músico relativamente conhecido à época, escreveu no número 9 da revista *Lanterna Japonesa*, em dezembro de 1888, que a exposição a ser inaugurada no ano seguinte pretendia recordar e comemorar os resultados da Revolução Francesa, de 1789. O artigo afirmava que, ao longo de um século, a França conseguira passar por cima das posições políticas e planejar uma nova civilização com base nos direitos do homem e do cidadão. Durante o século XIX, os analistas da referida exposição – a de Paris, em 1889 –, de modo geral, reforçaram esta pretensão, fazendo uma espécie de apoteose de um país que tinha como missão ditar os princípios de uma nova civilização.

Um século depois, em 1989, Mona Ozouf, em seu texto publicado na revista francesa *Le Débat* citou uma publicação da *Gazette des Beaux-Arts*, escrita por Maurice Tourneaux, na altura do centenário da Revolução Francesa: “Tudo testemunhará que a França estava pronta para o encontro que ela ofereceu ao mundo”.¹ Além disso, o texto aponta para uma certa dificuldade, presente entre os pesquisadores que trabalham com essa temática, quanto à definição do que seria uma comemoração. Segundo Mona Ozouf, comemorar é uma atividade “estranha, que oscila entre a presença e ausência”. Trata-se de uma presença que consagra uma ausência, diferente, por exemplo, “da celebração religiosa que manifesta a eternidade da presença”.²

Lucia Lippi, ao escrever “As festas que a república manda guardar”,

* Este artigo é um desdobramento de um dos capítulos de minha tese de doutorado defendida na Unicamp sob a orientação da pesquisadora Maria Margaret Lopes. HEIZER, Alda. *Observar o céu e medir a Terra: instrumentos científicos e a Exposição de Paris de 1889*. Tese (Doutorado em Geociências) – IG-Unicamp, Campinas, 2005. Quanto ao assunto abordado neste texto, uma extensa e importante bibliografia sobre as exposições nacionais e internacionais é arrolada no capítulo 1.

¹ OZOUF, Mona. Célébrer, savoir et fêter. *Le Débat: Historique, Politique, Société*, n. 37, 1989, p. 17.

² *Idem, ibidem*.

cita a Revolução Francesa, que como outras revoluções, conjuga o novo e a volta às origens. Além disso, a novidade desse acontecimento poderia ser explicada a partir da afirmação de que houve a construção de um sistema político mais apropriado para o desenvolvimento da natureza do homem: “A igualdade como princípio ordenador da sociedade política, resulta de um ensinamento: os homens são iguais por natureza”. A autora concorda que a Revolução Francesa de 1789 “foi pródiga na construção de símbolos nacionais [...] e a comemoração pretendia exorcizar o esquecimento. Além disso, as comemorações têm uma função que está explicitada na constituição de 1791: ‘Serão estabelecidas festas nacionais para conservar a recordação da Revolução Francesa’ ou seja, comemorar fazia parte do programa revolucionário”.³

Ainda em 1989, o historiador Eric Hobsbawn, no prefácio de *Ecos da Marselhesa*⁴, confirmava um número expressivo de títulos franceses sobre o acontecimento: “aproximadamente” mil títulos em francês estavam disponíveis em catálogos e em livrarias, prontos para as comemorações do bicentenário da revolução. Afirmando incluir mais um, o dele, no também expressivo número de títulos em outras línguas sobre o assunto. O autor ressalta que apesar desse grande número de publicações e festas, existe uma dada historiografia que acentua uma impopularidade da Revolução Francesa, que pode ser explicada por “uma combinação de ideologia, moda e poder publicitário da mídia moderna, que teria tomado conta dos que não gostavam da Revolução Francesa”.⁵

Com vistas ao nosso artigo, que pretende compreender o significado da exposição francesa comemorativa da Revolução Francesa de 1789, nos interessam particularmente a afirmação do historiador de que “em seu primeiro centenário foram escritas mais coisas contra a revolução do que a seu favor”, e também que, mais adiante, esse evento apontou muitas vezes para o consenso.

Hobsbawn reafirma seu interesse pela mencionada pesquisa porque, mais do que saber o que aconteceu naquele evento (suas fases e personagens), seu interesse está voltado para como ela foi percebida e interpretada: o que ficou “da herança que recebeu dos séculos XIX e XX. Para o historiador, esse acontecimento que foi a Revolução Francesa tem como parte de sua história o que o século fez dela”.⁶

Num momento de crise política, comemorou-se, na Exposição Universal de 1889, a Revolução Francesa de 1789. Para alguns, comemorava-se o 14 de julho de 1789, para outros, festejava-se o período considerado mais radical da revolução: o período jacobino. Número considerável de historiadores se preocupou com a periodização da Revolução Francesa. A variação, durante dois séculos, se deu de acordo com as concepções políticas e ideológicas dos que a pesquisavam.

No entanto, Hobsbawn ressalta que por mais divergências que possam ser encontradas nesses estudos, existe uma recorrência: havia uma crise na monarquia que levou à convocação dos Estados Gerais pela primeira vez, desde 1614, e que a Revolução foi um “episódio de significado profundo e sem paralelo na história de todo o mundo moderno”.⁷ Para o historiador,

se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob a influência da Revolução Industrial Britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa [...] a França forneceu o vocabulário e os temas da política liberal e radical-democrática para a maior parte do mundo [...]

³ OLIVEIRA, Lucia Lippi de. As festas que a República manda guardar. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 4, Rio de Janeiro, 1989, p.172 e 173.

⁴ HOBBSBAWN, Eric. *Ecos da Marselhesa: dois séculos reveem a Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 17.

⁶ *Idem*, *ibidem*, p.18.

⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 20.

⁸ *Idem*, *A era das revoluções*: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p.71.

⁹ LABROUSSE, Ernest e MOUSNIER, Roland. *O século XVIII: a sociedade perante a revolução*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2 v., 1969, p.128.

¹⁰ LEFEBVRE, Georges. *O grande medo de 1789*. Rio de Janeiro: Campus, 1979, p. 21.

¹¹ *Idem*.

¹² SOBOUL, Albert. *A Revolução Francesa*. São Paulo: Difel, 1982, p. 7.

¹³ “Mesmer sustentava que a doença resultava de um ‘obstáculo’ ao fluxo do fluido através do corpo, o qual se assemelhava a um ímã. As pessoas poderiam controlar e fortalecer a ação do fluido ‘mesmerizando’ ou massageando os ‘pólos’ do corpo, e com isso superar o obstáculo, induzir uma ‘crise’, muitas vezes sob a forma de convulsões, e restaurar a saúde ou a ‘harmonia’ do homem com a natureza”.

¹⁴ DARNTON, Robert. *O lado oculto da Revolução Francesa: Mesmer e o final do iluminismo na França*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 18.

*oferecendo o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo. A França forneceu os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema métrico para a maioria dos países.*⁸

Na década de 1960, Ernest Labrousse e Roland Mousnier escreveram, para uma coleção organizada por Maurice Crouzet, um volume sobre o século XVIII. Iniciaram o capítulo sobre a Revolução Francesa afirmando, entre outras coisas, que: “os acontecimentos da França suscitam, em primeiro lugar, um impulso geral de curiosidade e simpatia. Brochuras e jornais revolucionários acham em toda a Europa comentadores benévolos”.⁹

Numa perspectiva diferente, dez anos mais tarde, Georges Lefebvre escreveu sobre a história da Revolução Francesa tomando como referência a ótica popular, distanciando-se das análises que privilegiam os conflitos políticos. No entanto, ao destacar a fome, as revoltas e as camadas populares como seus personagens principais, não deixou de sublinhar o caráter excepcional desse evento: “o grande medo de 1789 é um acontecimento espantoso cujo aspecto exterior frequentemente descrito, embora suas causas jamais tenham sido objeto de uma investigação aprofundada”¹⁰ para concluir que “não se trata do caráter espantoso do fenômeno do grande medo que toma conta da França neste momento mas a sua contribuição para a derrubada do regime como um dos episódios mais importantes da história”.¹¹

Ainda no final dos anos de 1970, Albert Soboul, na “Introdução” de seu livro sobre a Revolução Francesa, afirmava que: “além de ter realizado a unidade nacional do país por meio da destruição do regime senhorial, o fato de ter chegado, finalmente, ao estabelecimento de uma democracia liberal particulariza ainda a sua significação histórica fazendo-a um modelo clássico de revolução burguesa”.¹²

Durante a década de 1980, trabalhos acadêmicos relevantes continuaram a ser realizados sobre a temática da Revolução Francesa, mas não é nosso objetivo, aqui, fazer uma análise mais aprofundada dos mesmos. Podemos, porém, citar pesquisas como a de Robert Darnton, que ressaltou como os franceses letrados viam a França e o mundo às vésperas da Revolução Francesa. O escritor valeu-se do exame de periódicos, folhetos científicos, fragmentos de canções, relatórios policiais, estampas populares, entre outros documentos, destacando, principalmente, a circulação de escritos como o *Contrato social*, de Jean Jacques Rousseau, entre os grupos sociais com menos escolaridade, para estabelecer o que interessava aos leitores nos momentos antes do acontecimento de 14 de julho de 1789. Além disso, Darnton, ao estudar o “mesmerismo”¹³, destacou que:

*por extravagante que pareça hoje em dia, o mesmerismo não justifica a negligência dos historiadores, pois correspondeu perfeitamente aos interesses dos franceses cultos na década de 1780. A ciência conquistara os contemporâneos de Mesmer revelando-lhes que viviam cercados de forças invisíveis e maravilhosas: a gravidade de Newton, que Voltaire fizera inteligível; a eletricidade de Franklin, popularizada por uma voga de para-raios e demonstrações nos liceus e museus elegantes de Paris.*¹⁴

Outro trabalho editado no período citado é o livro de Sérgio Paulo Rouanet sobre a Revolução Francesa e os escritos de Rétif de la Bretonne. O autor resalta que: “uma das singularidades da Revolução Francesa foi o papel que nela desempenharam os chamados ‘escritores libertinos’.

Assim o autor das ‘Ligações Perigosas’, Choderlos de Laclos, participou ativamente das primeiras reuniões do clube dos jacobinos, e foi um dos principais articuladores das ambições políticas do duque de Orléans...”.¹⁵

Rouanet pergunta, logo no início do texto: “de onde vem a centralidade desse personagem periférico? Penso que a resposta é a seguinte: mais que nenhum outro escritor, Rétif de La Bretonne expressou a revolução, em suas múltiplas facetas e no entrechoque das correntes sociais que a constituíram”.¹⁶ E, ao final, afirma e propõe uma outra questão: “Somos todos herdeiros da Revolução Francesa, mas de qual? A liberal de 1789, resumida pela grande voz de Mirabeau e codificada na Declaração dos Direitos do Homem? A jacobina, com seu culto da pureza e do terror? A Sans-culotte, com sua apologia do assassinato?”.¹⁷

Outros trabalhos poderiam ser citados mostrando diferentes perspectivas de interesses e contornos ideológicos, mas, como já dissemos, não é objetivo desse artigo realizar esse quadro de diferentes interpretações. Interessa-nos apontar como através da produção de textos e imagens, é possível refletirmos sobre a permanência da exemplaridade de um evento: a Revolução Francesa de 1789.

Na França dos anos de 1880, a República triunfa, e algumas medidas relacionadas ao ensino da história são imediatamente tomadas: “1880 – ampla anistia aos que participaram da Comuna de Paris em 1870, em 1881, as liberdades públicas – imprensa entre outras, foram restauradas, a adoção da escola laica e gratuita e obrigatória sucessivamente nos anos de 1880, 1881 e 1882”.¹⁸

O fato é que a *École méthodique* mais frequentemente chamada de positivista, que surge durante a Terceira República na França apresenta um projeto pedagógico que transparece nas propostas escolares. “Nos livros destinados às crianças de sete a doze anos, o discurso ideológico é mais evidente [...] O grupo republicano que cria a escola laica, gratuita e obrigatória, afirma claramente que a história não é neutra, que ela deve servir a um projeto político”.¹⁹

Segundo Guy Bourdê e Hervé Martin, ao analisarmos os manuais de História publicados entre 1884 e 1914, podem ser identificados alguns postulados fundamentais: 1º postulado: a noção de que a França é eterna – dos ancestrais gauleses até os cidadãos da Terceira República; 2º postulado: a apologia constante do regime republicano (para tal, a herança da Revolução Francesa é recuperada. É interessante notar que um dos episódios citados foi a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão...); 3º postulado: uma exaltação permanente da “mãe-pátria”. A Revolução Francesa, nesse projeto, aparece como uma ruptura radical que faz emergir a soberania da nação, instaura a Lei, introduz a liberdade de consciência e de trabalho.²⁰

Além disso, a primeira geração, de 1880 a 1898, promove uma propaganda constante e nacionalista que está presente, sobretudo, nos manuais escolares e na organização da Exposição Universal de 1889, e pode ser vista como um dos coroamentos desses objetivos. Para se ter uma ideia, em 1882, o governo recomenda, nas escolas primárias, ditados patrióticos como “O estudante-soldado: Para ser um homem, é preciso saber escrever e trabalhar; para a Pátria, uma criança deve se instruir e, na escola, aprender a trabalhar. A hora chegou, marchemos em paz; jovens crianças, jovens soldados”.²¹

Os textos (programas) de G. Monod, ao lançar a *Revue Historique*, em 1876, e o guia escrito para os estudantes elaborado por V. Langlois e Seignobos, em 1898, deixam claro alguns objetivos da escola – como

¹⁵ ROUANET, Sergio Paulo. *O espectador noturno: a Revolução Francesa através de Rétif de la Bretonne*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 9.

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 107.

¹⁸ BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *Les écoles historiques*. Paris: Seuil, 1997, p. 199.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 201.

²⁰ Cf. *idem, ibidem*, p. 201-204

²¹ *Idem, ibidem*, p. 203.

descartar qualquer especulação filosófica e a busca de uma objetividade absoluta no domínio da história no que diz respeito às análises das fontes, das técnicas de inventário, entre outros. Tais historiadores positivistas é que vão implementar a reforma do ensino superior na França, bem como ministrar as disciplinas nas novas universidades. Além disso, dirigem as coleções como a *Histoire de France*, escrita por A. Rambaud; formulam os programas escolares do secundário e das escolas primárias. E, nos manuais escolares, alimentam a propaganda republicana nacionalista e aprovam abertamente a conquista colonial.

O fato é que se reforça desde muito cedo, no ensino fundamental, a exemplaridade e a repercussão mundial deste evento, sem problematizá-lo. Trata-se de construções históricas e, por conseguinte, é preciso estudá-las como produto de determinada sociedade.

Independentemente do tipo de análise acerca destes acontecimentos, o fato é que a ideia de um momento novo que se inaugura está presente nestes textos sobre a Revolução Francesa e se atualiza com o passar dos anos, não só na França como, por exemplo, no Brasil.

Uma das festas da República foi a apoteótica Exposição de Paris de 1889, com a inauguração da Torre Eiffel e da Galeria Monumental das Máquinas, dois símbolos que se tornaram a síntese do sucesso da civilização



Figura 1. Salão das máquinas. The Machinery Hall in 1889 (Henry Madden Library, Fresno). In: BRIAN, Robert. *Going to the far: readings in the culture of nineteenth-century exhibitions*.

francesa. Segundo os seus organizadores, esta síntese poderia ser traduzida pelo tripé República, Ciência e Técnica: os grandes protagonistas da festa.

Para se ter uma ideia, a Torre Eiffel, a princípio criticada por artistas, engenheiros, jornalistas, escritores, entre outros, causou tremendo impacto na inauguração do evento. “A Torre Eiffel assim incandescente é, em primeiro lugar uma referência a si própria, ao material de que é feita, a um seu estágio anterior de moldagem do ferro num sentido amplo, à própria indústria metalúrgica, em seu auge no século XIX, relativamente às construções de ferro”.²²

Assim, em maio de 1889, três anos após o início de sua construção inaugurava-se oficialmente a Exposição de Paris, que iria, também oficialmente, comemorar o centenário da República e da técnica. Acentuando que o evento estava preparado para apresentar ao mundo o desenvolvimento científico e técnico francês e o fato de se dar no centenário de 1789 provocou a ausência de algumas monarquias. No entanto, essa ausência não foi total: comitês de alguns países, como o Império do Brasil, organizaram a participação dos mesmos e alguns soberanos aceitaram dar apoio material e “moral” – com exceção da Alemanha e da Áustria. Participaram desse evento Estados da Europa, das Américas, da Ásia, da África e da Oceania. Foram ao todo 61.722 expositores.

²² BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 4, São Paulo: Museu Paulista/USP, 1996, e BARBUY, Heloísa. *A Exposição Internacional de 1889 em Paris: visão e representação na sociedade industrial*. São Paulo: Loyola/ Edusp, 1999, p. 99.



Figura 2. A Torre Eiffel, desde a sua inauguração, à época em meio a protestos e críticas contundentes, hoje é um local visitado e tornou-se um dos símbolos franceses mais conhecidos em outras partes do mundo. George Garen, *Illumination of the Eiffel Tower during the 1889 Exhibition*. Musée D’Orsay, Paris. In: BRIAN, Robert. *Going to the far: readings in the culture of nineteenth-century exhibitions*.

²³ PAMPLONA, Marco Antônio. Ambiguidades do pensamento latino-americano: intelectuais e a ideia de nação na Argentina e no Brasil. *Estudos Históricos*, n. 32, Rio de Janeiro, 2003, p. 6.

²⁴ LAUSSE DAT, Aimé. De l'influence civilisatrice des sciences appliquées aux arts et à l'industrie. *Revue Scientifique*, t. 15, n.13, mars 1888, p. 386.

²⁵ MICHELET, Jules. *O povo*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988, p. 209.

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 232.

A exposição francesa foi inaugurada em meio a tentativas de derrubada do regime, e o clima não era dos mais calmos para as autoridades. O ano de 1889, na França, abrigou dois congressos socialistas internacionais, uma sucessão de greves e, em galerias e outras construções, a exposição dedicava uma ala "A paz social". Esta exposição pretendia atrelar o passado ao futuro através de suas retrospectivas, históricas escolhidas como partes constitutivas de uma nação imaginada por alguns, conectando o passado, o presente e o futuro.

A Revolução Francesa é um caso "exemplar" que deixa como marca, nas narrativas posteriores sobre ela, a constituição de um nacionalismo que consolidou a secularização das leis e a passagem da soberania "do rei" para a soberania "do povo" de forma definitiva.²³

Sendo assim, cabia à França uma "missão civilizadora" que durante o século XIX se traduziu, entre outros, em reformas e "melhorias" no Egito, Argélia, Tunísia e no Marrocos. Esta missão civilizadora se deu de diferentes formas: na modernização do Egito, por meio da construção do canal de Suez; na especulação de terras, cultura da vinha, rede ferroviária, "graças às pesquisas feitas em todos os pontos da Tunísia, da Argélia e do Marrocos – como as de Tissot, em grande parte... que nós sabemos hoje em dia o que foi a África do Norte sob a dominação romana".²⁴

Jules Michelet afirmava que cabia à França dar "à obra romana e cristã...", uma vez que "o cristianismo prometera, ela cumpriu".²⁵ Sua crença no projeto francês de uma nação que crê na tradição de que "não há apenas sequência, mas progresso", está presente no prefácio à edição de *Le Peuple*, quando Michelet afirma que:

*Este pequeno livro foi escrito em 1846. Inúmeras passagens trazem fortes marcas da época. Seria preciso alterá-las? O autor julgou que não. Um mundo desapareceu desde então; outro surgiu lentamente no horizonte. Modificar o livro, acomodá-lo a este presente tão conturbado, ao futuro obscuro, teria sido apagar-lhe o sinete da época, fazer um livro bastardo e falso. Ademais, o que ele tem de importante não mudou. O que diz a respeito do direito do instinto simples e da inspiração das massas, das vozes ingênuas da consciência, subsiste e permanecerá como a base profunda da democracia.*²⁶

Havia, de fato, uma rivalidade internacional também musealizada na Exposição de Paris, conduzindo os diferentes países a uma competição sem precedentes, que teve como consequência a repartição de várias áreas em todos os continentes. No que diz respeito aos capitais, estes países chegavam a esses locais do globo fazendo empréstimos; os grupos financiavam a viagem, uma vez que se beneficiavam com o que chamavam "projetos de modernização".

As modificações dessas áreas se resumiam à construção de ferrovias que cortavam os territórios, à instalação de energia elétrica, beneficiamentos nos transportes e no setor de saúde, entre outros. No entanto, essa ocupação colonial se justificava pela já mencionada "missão civilizadora", constituída de valores morais e religiosos. Além disso, civilizar significava moralizar os costumes, evangelizar os 'selvagens' e sublinhar uma capacidade própria de quem coloniza para diferenciar-se do outro, ou seja, daquele que está na condição de subjugado. Sendo assim, as justificativas para as teorias sobre a superioridade de determinados povos eram muitas vezes exibidas na Exposição de 1889.

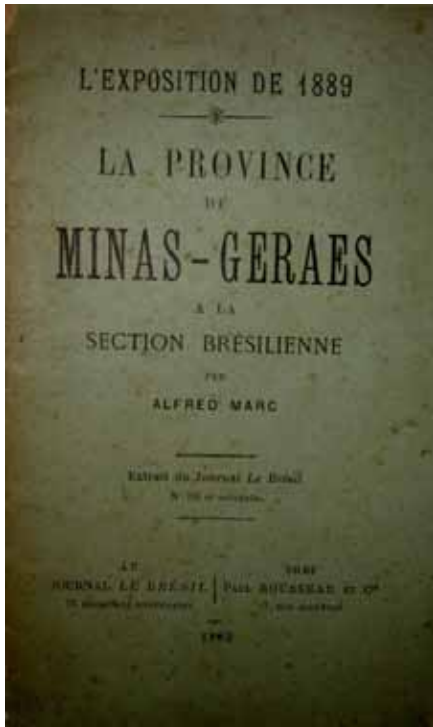


Figura 3. As províncias do Brasil foram apresentadas na exposição através de objetos e informações representativas das riquezas locais. Contendo informações importantes para os visitantes, esperava-se atrair não só admiradores nos *stands*, mas futuros investidores.²⁷



Figura 4. A exposição de Paris de 1889 produziu uma série de escritos sobre diferentes temas. Entre as publicações das exposições estavam os folhetos e cartões de lembrança. O registro acima apresenta a exposição, por um lado, como uma homenagem ao idealizador da Torre Eiffel e, por outro, dirige-se aos trabalhadores. É possível identificar algumas referências importantes como a presença dos trabalhadores, dos inventos e dos progressos franceses nas artes e nas ciências dentro de uma proposta de retrospectiva histórica (1789-1889), tudo isso sob a égide da paz. No entanto, é importante frisar que 1889 foi marcado por greves dos trabalhadores. Lembrança da Exposição de Paris de 1889, Whipple Museum of the History of Science.

Um aspecto a se considerar é a presença da teoria da diferenciação racial, que terá um lugar capital na museografia francesa desde o início do século XIX, período em que se consolida o grande projeto de um museu etnográfico em Paris, e também época em que a Sociedade de Medicina Francesa apresenta um projeto de topografia médica do país: em 1879, o Museu de Etnografia do Trocadero abriu as portas ao público e, no discurso inaugural, o ministro Bardoux afirmava: “aqui abre-se uma nova porta para o estudo dos progressos da raça humana”.²⁸

É possível pensarmos uma relação íntima entre as viagens, os preparativos para as Exposições Universais e uma certa museografia que abrigava a citada teoria da diferenciação racial. Observar e relatar os homens e os lugares, como fizeram os viajantes, não era mais suficiente. Era preciso expor numa vitrine a política expansionista, de um país colonialista, como a França. Um país que tinha como “missão” retirar os povos da “barbárie” em que encontravam.

²⁷ Agradeço ao pesquisador Paulo Coelho Mesquita Santos a indicação da reprodução sobre a província de Minas Gerais, objeto de sua dissertação de mestrado.

²⁸ NOËL, Marie-France. Du Musée D'Ethnographie du Trocadero au Musée National des Arts et Traditions Populaires. In: *Muséologie et ethnologie*. Paris: Editions de La Reunion des Musées Nationaux, 1987, p.140.

²⁹ Ver COLLET, Isabelle. Les premiers musées d'ethnographie régionale en France. In: *Muséologie et Ethnologie*. Paris: Editions de La Reunion des Musées Nationaux, 1987, p.68-99.

³⁰ MICHELET, Jules. *O povo*, op. cit., p. 212.

³¹ COLLET, Isabelle, op. cit., p. 100.

Daí o sucesso das coleções etnográficas na Exposição Universal de 1878, quando se celebrava, entre outras coisas, a criação de um museu etnográfico para abrigar, inclusive, o material aplicado pelos missionários da instrução pública em outras regiões do globo.²⁹ Segundo Michelet, o

*“Único governo que se empenhou de coração na educação do povo foi o da revolução” e de que: a Revolução deveria ensinar uma coisa, uma única coisa: a Revolução. Para tanto, teria sido preciso não renegar o passado, ao contrário, reivindicá-lo, retomá-lo e fazê-lo presente, mostrar que possuía, além da autoridade da razão, a autoridade da história, de toda a nossa nacionalidade histórica, que a Revolução era tardia, mas justa e necessária manifestação do gênio desse povo.*³⁰

A Exposição de Paris de 1889 pretendia reter um passado ideal na memória dos que a visitavam. No imaginário francês, o país afirmou-se como o lugar da pequena e da média propriedade. Os homens do campo começaram a se organizar em sociedades como a Sociedade dos Agricultores da França, a qual, segundo Michelet, se preocupava mais em levar suas queixas ao governo do que com a produção e mecanização do campo.

Em 1883, por exemplo, fundou-se um sindicato no Loir-et-Cher com o objetivo de comprar adubos por preços mais acessíveis. Embora algumas entidades de classe funcionassem sem o reconhecimento do governo, era comum apresentarem suas reclamações ao governo. Entre 1889 e 1890, costumava-se afirmar que era o tempo da agricultura, dado que o governo teria respondido às queixas; pelo menos algumas, dos sindicatos. Alguns beneficiamentos são relevantes como a organização das produções de frutas e legumes, bem como a construção de um canal de rega. A organização de produtores em uniões locais e regionais e os empréstimos concedidos pelo banco francês aos grupos de produtores foram fatores importantes.

Afirmava-se, inclusive, que teria sido por volta de 1890 que a França sofreu uma renovação no domínio agrícola. Portanto, não é de se estranhar que o mundo rural também estivesse presente nas Exposições Universais e que tenham sido realizadas várias exposições de agricultura.

Foram várias as causas da crise, mas principalmente a concorrência dos mercados estrangeiros. O ministro da agricultura Méline reagiu, pressionado pelos agricultores que ao animarem as associações profissionais, instauraram um regime protecionista. Se fizermos uma análise atenta, verificaremos o lugar importante que as exposições agrícolas tiveram nas Grandes Exposições da segunda metade do século XIX, modelo que o Brasil seguiu de perto.

*As exposições vão, entretanto, permitir a ocasião de manifestarem seu interesse para a atividade econômica da França rural de uma maneira mais diversificada. Sendo assim, convinha-lhe sublinhar o lugar importante que tinham as exposições agrícolas nas Exposições Universais, mesmo se elas sonham sobretudo com a indústria, as artes aplicadas e acadêmicas, ou ainda com as colônias.*³¹

Na França, é dentro das seções agrícolas que os republicanos vão sensibilizar o grande público para a necessidade da difusão das inovações técnicas. Ao mesmo tempo dar um impulso ao mercado nacional para a promoção de produtos alimentares e instrumentos agrícolas franceses.

Ao organizar sua participação nestes grandes eventos, o Império do Brasil também não deixava de ressaltar seu potencial agrícola, suas

máquinas empregadas no campo e construídos em diferentes províncias. No entanto, é preciso ressaltar uma outra preocupação por parte dos comissários encarregados da Exposição Preparatória de 1888:

*Era preciso convencer-nos de que o café, assim como a cultura exclusiva do açúcar, ou as minas de ouro e diamantes, não é nem convén que seja a nossa única base financeira... a Exposição Preparatória nos mostrará os pontos salientes das culturas, das fábricas, das artes, do ensino escolar, das indústrias de transporte, da metallurgia, e os nossos rivaes na exposição universal não poderão negar a força desses documentos.*³²

Um dos congressos mais expressivos que aconteceram à época da Exposição Universal de 1889 foi o de agricultura. Lá, discutiu-se, fundamentalmente, a crise agrícola.



Figura 5. Os congressos eram temáticos e organizados pelas autoridades e intelectuais, como o citado acima, que aconteceu durante a Exposição de 1889. BRIAN, Robert. *Going to the far: readings in the culture of nineteenth-century exhibitions.*

A Exposição de 1889 era a festa do triunfo da técnica, da República e da ciência. “Uma espécie de vila internacional compreendendo 95 hectares (29 cobertos) sobre L’Esplanades des Invalides, La Colline de Chaillot e o Quai D’Orsay... Du Palais et des Jardins du Trocadéro, o visitante pode chegar ao Champ de Mars depois ao Quai D’Orsay, à Esplanade des Invalides sem deixar a exposição”.³³

Destacaremos alguns espaços da exposição como a Galeria de Máquinas, com seus 400m de comprimento, 115m de largura e 45m de altura, acompanhada das Artes Liberais, das Belas Artes e das Seções Industriais. A Galeria das Máquinas, em forma de U, foi comparada por M. Lockroy, um dos comissários do evento, com o arco do triunfo invertido e funcionava ininterruptamente entre 12 e 18 horas. Outro símbolo das exposições foi a Torre Eiffel, definida pelo *Magasin Pittoresque* de 1889 da seguinte maneira: “Ela tem o ar de um tecido delicado, de um tricôt flexível do qual o olhar não percebe todo o mistério”.³⁴

Os registros da exposição têm em comum o fato de enaltecerem a

³² O *Auxiliador da Indústria Nacional*, n. 4, abr., 1888, p. 6.

³³ POIRIER, René. *Des foires, des peuples, des expositions*. Paris: Plon, 1958, p. 102.

³⁴ *Idem.*

torre, sua originalidade, comparando-a a um templo grego, por vezes a uma catedral. Em torno dela se estendia o Campo de Marte, com um cenário de rios, cascatas e um número expressivo de pavilhões da América Central e do Sul.

Paralelamente à exposição, foram realizados congressos – como o já citado de agricultura – em diferentes locais, e internacional de química, que discutiu a nomenclatura de sua disciplina e sua utilização na fotoastronomia realizado no *Conservatoire des Arts et Métiers* (CNAM). Em torno da Exposição Industrial, de maneira geral, foram organizadas cinco retrospectivas: a história do trabalho – com uma coleção de crânios acompanhada de uma série de olhos de todas as raças; a história dos meios de transporte; a história da habitação – com desenhos de arquitetos franceses; a história da economia social – com tabelas sobre os efeitos do álcool, por exemplo –, e a História da Revolução Francesa, como não poderia deixar de ser.

Mesmo sem a participação da nobreza europeia, os registros apontam o grande sucesso da exposição: “Ela consolida o regime... foi o grande agente eleitoral para a renovação da câmara dos deputados... Na memória dos contemporâneos, 1889 será muito mais o ano da Exposição do que aquele do centenário de 1789”.³⁵

Falava-se, inclusive, na permanência de algumas partes da exposição em museus ou mesmo na criação de um museu que abrigasse parte da exposição. Isso não era novidade. Em 1855, em nome do progresso científico, os franceses já falavam em um Museu Nacional da Indústria, sublinhando a diferença entre o que seria um museu desse porte e o CNAM. Este último, criado por um decreto de 1794, destinava-se a manter máquinas, modelos e invenções, livros e croquis ou desenhos. O CNAM abrigava, ainda, uma biblioteca de tecnologia, onde os visitantes poderiam saber como funcionavam as máquinas e o relato de como foram idealizadas e construídas.

O Museu de Ciências de Londres, por sua vez, originou-se da Grande Exposição Industrial de 1851, administrada pela Comissão Real, com seu ativo presidente, o príncipe Albert; pela Sociedade de Encorajamento das Artes, Manufatura e Comércio. Exposições Nacionais anteriores como as de 1847 e 1848 e 1849 já haviam demonstrado o estágio da indústria britânica e pode-se registrar uma preocupação em apresentar ao público o estágio industrial dos países, no que diz respeito à técnica.

Um levantamento mais atento mostra, inclusive, um número expressivo de projetos de museus durante o século XIX na França, especialmente industriais. No entanto, somente na segunda do século XX é que as autoridades francesas se ocuparam da relevância da cultura científica e técnica e se voltaram para uma política de recuperação de sítios industriais, maquinarias, entre outros.

Comemorando “para não esquecer”, as exposições universais alcançaram públicos mais amplos do que os que as visitavam, imortalizando-se nas revistas e jornais que, frequentemente faziam uma espécie de histórico das exposições francesas. Um exemplo interessante foi a referência publicada em 1908 na revista *Les Lectures pour Tous*, por ocasião da exposição franco-britânica; em duas páginas, numa ‘vista aérea’, justapunham-se todas as exposições internacionais, numa espécie de síntese, de 1855 a 1900.

Um dos aspectos, talvez, dos mais importantes no que diz respeito a esses impressos, é que todo o exposto era necessariamente descrito por diferentes revistas e periódicos da época e mais, podemos nos atrever a

afirmar que a exposição poderia ser visitada apenas com a leitura dessas descrições.

É possível identificar alguns elementos que nos ajudam a compreender como determinados grupos interpretavam, e pensavam, o mundo em que viviam. A história cultural talvez nos auxilie nessa análise, uma vez que transita entre o que Robert Darton chama de 'história de tendência etnográfica' e a definição de Roger Chartier, quando afirma que as estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como não o são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, discursivas e sociais) que constroem as figuras. Portanto, a nós interessa reconhecer tais descrições em revistas como um espaço de investigação da maior importância para o pesquisador. Mas também como a produção de imagens sobre o evento nos permite refletir sobre seu lugar nas pesquisas.

Sendo assim, tecer algumas considerações sobre como é possível identificar, através de diferentes impressos produzidos pela exposição de Paris de 1889 (cartazes, convites, fotografias, periódicos, entre outros) a elaboração de determinados grupos com relação às imagens de si mesmos.

Artigo recebido em abril de 2016. Aprovado em junho de 2016.